

VOZES DIVERSAS

DIFERENTES SABERES



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXX SIC

15 A 19
OUTUBRO
CAMPUS DO VALE



PSICANÁLISE E SOCIOEDUCAÇÃO: MODOS DE ENCONTRO

Autora: Sofia Lopes Piccinini (UFRGS) | Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rose Gurski (UFRGS)



INTRODUÇÃO

Este trabalho inscreve-se no contexto das investigações do Eixo Psicanálise, Educação, Adolescência e Socioeducação do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC/UFRGS). As inquietações deste estudo partiram, sobretudo, da experiência de pesquisa-extensão nas *Rodas de R.A.P.* (GURSKI; STRZYKALSKI, 2018a) – um espaço de escuta e de livre circulação da palavra oferecido a jovens acutelados em uma instituição socioeducativa.

PROBLEMATIZAÇÕES

Durante a realização da pesquisa-extensão, fomos percebendo atrasos frequentes das bolsistas-pesquisadoras em relação ao horário combinado de chegada à instituição socioeducativa nos dias em que aconteciam as *Rodas de R.A.P.*

Em supervisão, ao discutirmos sobre a repetição de tais atrasos em conjugação com o que as bolsistas escutaram dos adolescentes e o que perceberam das condições de infraestrutura da instituição socioeducativa, passamos a nos perguntar: **os atrasos não seriam a manifestação em ato da resistência do pesquisador em psicanálise frente a contextos de intensa vulnerabilidade, de ausência de garantia de direitos e de desigualdades sociais e raciais?** Entendemos que tal problematização nos remete ainda a duas outras: **como psicanálise e socioeducação se articulam? Quais (novos) impasses se apresentam no âmbito das (im)possibilidades da escuta?**

OBJETIVOS

- Partindo da noção de “**encontro**” (GURSKI, 2018) como um modo de articular dois campos, objetivamos refletir sobre as **condições da escuta psicanalítica** ou, ainda, sobre as **possibilidades**, em meio às quais se apresentam as **impossibilidades** da escuta, em uma ação de pesquisa-extensão que busca **conjugação psicanálise e socioeducação**.
- Levantamos **duas discussões** que consideramos fundamentais à escuta psicanalítica, sobretudo quando articulada a contextos de vulnerabilidade: a **resistência do analista** (LACAN, 1954-55/1985) como aquilo que é preciso ser constantemente nomeado e discutido; e a importância de reconhecermos a “**dimensão sociopolítica do sofrimento**” (DEBIEUX, 2016) que se apresenta no discurso de adolescentes internados em uma instituição socioeducativa.

NOTAS METODOLÓGICAS

Sobre os fundamentos que sustentam a posição do pesquisador:

- No âmbito da pesquisa-extensão, nossa posição de pesquisadores em psicanálise baseia-se, especialmente, na ética psicanalítica (LACAN, 1959-60/1988) em conjugação aos efeitos ético-metodológicos relacionados ao tema da Experiência em Walter Benjamin (1933/1994): a não antecipação à fala do sujeito; a concepção de atenção flutuante; e a busca por permitir a fala livre do sujeito (GURSKI; STRZYKALSKI, 2018a).

Fazem parte do *corpus* da pesquisa:

- As elaborações surgidas nos momentos de escrita dos diários de experiência e de supervisão das *Rodas de R.A.P.* (GURSKI; STRZYKALSKI, 2018a);
- As construções feitas a partir da leitura-escuta (CAON, 1997; IRIBARRY, 2003) dos diários de experiência e dos textos teóricos;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. [1933]. Experiência e pobreza. In _____. *Magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, P. [1970]. Livro 1: Fundamentos de uma teoria da violência simbólica. In _____. *Passeron, J. (Org.) A reprodução: elementos para uma teoria de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1975, p. 15-75.
- DEBIEUX, M. Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Revista de Psicanálise TEXTURA*, n. 2, 2002.
- _____. A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. São Paulo: Escuta, 2016.
- CAON, J. L. Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 10, n. 1, p. 105-123, 1997.
- FREUD, S. [1925]. Prólogo a juventude abandonada de August Aichhorn. In _____. *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 313-316. (Obras Completas, 16)
- _____. [1937]. Análise terminável e interminável. In _____. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 23)
- GURSKI, R. Três tópicos para pensar (a contrapelo) o mal-estar na educação atual. In VOLTOLINI, R. (Org.), *Retratos do mal-estar na educação contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2014.
- _____. Adolescência, socioeducação e processos de subjetivação. In: Jornada NIPIAC: Crianças, adolescentes e jovens hoje, a educação e a garantia de direitos, 2018. *Anais...* Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.
- _____. STRZYKALSKI, S. A “invenção” na pesquisa em psicanálise com adolescentes em contextos de violência e vulnerabilidade: narrando uma trajetória de pesquisa. In BRASIL, K. T.; ALMEIDA, S.; DRIEU, D. (Orgs.), *Proteção à Infância e à adolescência: intervenções clínicas, educativas e socioculturais*. Brasília: Cátedra Unesco da Juventude, Educação e Sociedade, 2018 a.
- _____. _____. A escuta psicanalítica de adolescentes em conflito com a lei: que ética pode sustentar esta intervenção? *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 72-98, 2018b.
- IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? *Revista Ágora*, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003.
- LACAN, J. [1954-55]. O seminário, livro 2: o Eu na teoria de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____. [1959-60]. O seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

ENCONTROS ENTRE PSICANÁLISE E SOCIOEDUCAÇÃO

Temos pensado a inserção de nossas pesquisas-extensão na instituição socioeducativa desde a **dimensão do “encontro”**, ou seja, apostando em um modo de articulação entre psicanálise e socioeducação, em que esteja pressuposta a ideia de uma **afetação mútua** (GURSKI, 2018). Nesse sentido, o “**encontro**” traz questões não só à Socioeducação, mas também à própria Psicanálise, convidando-a a realizar, constantemente, uma **reflexão ética-teórica-política-metodológica**.

Nas *Rodas*, um menino contou que gostaria de fazer um curso profissionalizante, mas que não poderia, pois isso envolveria ele ir à determinada parte da cidade, onde poderia ser morto. **Como a posição do pesquisador é afetada quando se encontra com cenas como essa, assim como com outras que presentificam as mais diferentes nuances da vulnerabilidade e desigualdade social e racial vivenciadas por grande parte dos adolescentes em conflito com a lei?**

A RESISTÊNCIA DO PESQUISADOR EM PSICANÁLISE FACE À DIMENSÃO SOCIOPOLÍTICA DO SOFRIMENTO

A pesquisadora e psicanalista Debieux (2016) aponta que um dos principais entraves para a escuta psicanalítica em contextos de intensa violência e vulnerabilidade, que presentificam radicalmente o que ela nomeia de “**dimensão sociopolítica do sofrimento**”, é a resistência do analista. Em supervisão, discutimos como os referidos atrasos das bolsistas em relação às atividades *das Rodas de R.A.P.* pareciam estar situados como manifestações dessa resistência apontada por ela. Com Lacan (1954-55/1985), sabemos que, no trabalho analítico, trata-se de pensarmos a resistência do ponto de vista do psicanalista e não apenas do paciente. Ora, se não nos responsabilizarmos, primeiramente, por nossos próprios pontos de resistência, ficamos surdos à alteridade e, portanto, prejudicados na tarefa de conseguir escutar aquele(s) que nos fala(m) também através de resistências.

No que concerne à possibilidade de escuta nas *Rodas*, é preciso que levantemos “o recalque que promove a distância social” que nos permite “conviver, alegres, surdos, indiferentes” (DEBIEUX, 2002, p. 8) com as injustiças e discriminações sociais e raciais que acometem grande parcela da juventude brasileira marginalizada. Tal posição ética diz da possibilidade de reconhecermos, nomearmos e escutarmos a “**dimensão sociopolítica do sofrimento**” (DEBIEUX, 2016), tanto em sua face real (o risco eminente de morte), quanto pela violência simbólica (BOURDIEU, 1970/1975).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A POSIÇÃO DO PESQUISADOR FRENTE AO IMPOSSÍVEL DA RESISTÊNCIA

Apostamos que uma das maneiras de lidar com as frequentes produções de resistência despertadas pela dimensão sociopolítica do sofrimento no pesquisador em psicanálise, cujo campo é a socioeducação, refere-se aos espaços de supervisão, de estudo e de trocas com os colegas. Todavia, sublinhamos que não se trata de pensar que podemos esgotar as resistências definitivamente, alcançando uma espécie de “escuta pura”. Lembremos que uma das possibilidades de leitura da psicanálise como uma das profissões impossíveis (FREUD, 1925/2011; FREUD, 1937/1980) é justamente que sempre haverá um ponto de resistência que nos deixa surdos à escuta do sujeito.

Nesse sentido, ao invés de negarmos, desde uma posição de impotência, essa dimensão da resistência que insiste em persistir e se (re)atualizar, nos colocamos, cada vez mais, a falar e produzir sobre a experiência com as *Rodas* levando em consideração sua dimensão sociopolítica do sofrimento. Pensar a posição do pesquisador em psicanálise na direção de poder operar passagens da “**impotência à impossibilidade**” (GURSKI, 2014; GURSKI; STRZYKALSKI, 2018b) nos afasta da posição de intervir repetindo alguns discursos do nosso laço social contemporâneo que sistematicamente individualizam, culpabilizam, criminalizam e moralizam os adolescentes em conflito com a lei. Ao lidarmos desde uma posição de impossibilidade com aquilo que nos escapa, temos condições de (re)atualizar nosso desejo pelo trabalho, (re)lembrando que um dos pontos que nos levou ao encontro com a socioeducação foi a aposta na escuta do sujeito como um ato potente e de caráter subversivo que nos viabiliza profanar a desimplicação do laço social frente ao crescente genocídio da juventude marginalizada e, sobretudo, negra.